

Couro mantém alta em suas exportações

Embarques do setor coureiro começaram 2025 seguindo tendência de crescimento registrada no fim do ano passado

MICHEL POZZEBON

michel.pozzebon@gruposinos.com.br

As exportações brasileiras de couros e peles começaram 2025 mantendo a tendência de crescimento registrada no fim do ano passado. Em janeiro, foram embarcados 16,8 milhões de metros quadrados e 59,1 mil toneladas, altas de 10,2% e de 38,8%, respectivamente, em relação ao mesmo mês de 2024. Por outro lado, em valores (US\$ 98 milhões), houve queda de 4,1% na comparação com igual período do ano passado. No entanto, segundo o Centro das Indústrias de Curtumes do Brasil (CICB), entidade que analisou os dados divulgados pela Secretaria de Comércio Exterior (Secex) do Ministério do Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços, “a tendência de elevação na análise sequencial de meses se mantém, já que janeiro mostrou aumento de 8,4% sobre dezembro”.

Rogério Cunha, da Inteligência Comercial do CI-

CB, destaca que a primeira avaliação do ano para as exportações traz dados interessantes. O primeiro é o crescimento substancial em valores do top 3 importadores: China e Hong Kong (+10,4%), Itália (+15,3%) e Vietnã (+21,4%). Conforme Cunha, a configuração desse ranking também chama a atenção: os Estados Unidos, que encerraram o ano com a vice-liderança na participação das exportações de couro do Brasil, com 13,3% do total, começaram 2025 com 10,2% de participação, caindo para o quarto lugar. “Ainda é cedo para entender que essa seria uma tendência para os norte-americanos, que são parceiros muito consolidados da indústria curtidora brasileira e mundial, mas a ascensão do Vietnã, em especial, é um fenômeno que deve ser observado”, aponta.

Ritmo

Cezar Müller, diretor do Curtume A.P. Müller (Portão/RS), analisa o ritmo das exportações no começo de



Estados Unidos é o maior mercado do Curtume A.P. Müller

2025 como “bastante lentas”. “Há muitas dúvidas, mudança no governo dos Estados Unidos, aumento de taxas. O mercado busca uma nova definição, há questões pendentes na área internacional e alguns movimentos políticos geraram dúvidas, que refletem no mercado de couro”, comenta.

Exportando quase que a totalidade de sua produção para o segmento de artefatos, o Curtume A.P. Müller tem nos Estados Unidos seu principal cliente internacional. “Um mercado que tem participação importante nos nossos negócios, por trabalharmos com maior valor agregado”, explica o diretor do curtume gaúcho.

PROJEÇÕES DO SETOR PARA 2025

Entre as perspectivas do setor curtidor brasileiro para 2025, Cunha observa, sobretudo, que o segmento “deve manter seu trabalho estrutural para ampliar as exportações”. Do mesmo modo, ele reitera que “parte relevante desse esforço se concentra em ações de qualificação e sustentabilidade, com foco em pautas como rastreabilidade e avaliação de ciclo de vida”.

JBS Couros usa IA para certificar qualidade

A JBS Couros (São Paulo/SP), maior indústria de processamento de couros do mundo, firmou acordo com a empresa neozelandesa Mindhive Global, especializada em tecnologia de classificação de couro com Inteligência Artificial (IA). A tecnologia possibilitará certificar a qualidade do que a empresa brasileira é capaz de processar a cada hora – até 360 peles por linha de produção –, com uma taxa de precisão superior a 91%.

O sistema de IA da Mindhive Global possibilitará a inspeção e a classificação das peles em quatro segundos, podendo mapear defeitos que são listados em 25 categorias de forma automática. A tecnologia será em-

pregada nas 21 unidades da JBS Couros no Brasil.

Implementação

A implementação da Mindhive no Brasil está prevista para ser concluída entre junho e julho, com a instalação de duas novas máquinas por mês até que um total de dez equipamentos de classificação e três de seleção de couro estejam em funcionamento nas unidades da JBS. Por enquanto, o valor do acordo entre as multinacionais não foi divulgado.

A inspeção dos couros conta com trabalho manual nas unidades de processamento. Por ano, são mais de 7 milhões de peles processadas pela JBS Couros.

O presidente da divisão de couro da JBS, Guilher-



Tecnologia será utilizada em 21 unidades no Brasil

me Motta, descreve que “a implementação da inteligência artificial permitirá estabelecer novos padrões para a classificação de couro” para atender critérios rigorosos de clientes e assegurar a segurança dos lotes.

Entre os objetivos da parceria, está a melhora da classificação do couro wet blue da JBS. O produto, que é curtido em cromo, é comercializado pela empresa às indústrias automotiva, moveleira e calçadista.

Um bom exemplo de sustentabilidade

O Rio Grande do Sul desempenha um papel significativo na indústria do couro do Brasil. É uma longa história. Desde os tempos das missões jesuíticas, no século XVII, o couro já era utilizado na confecção de utensílios, vestimentas e arreios. No século XIX, a chegada de imigrantes europeus, especialmente alemães e italianos, impulsionou o setor, aproveitando a abundância de matéria-prima e a demanda da florescente indústria calçadista, cujo desenvolvimento com player mundial teve o couro gaúcho como importante suporte.

Com o avanço da tecnologia, o Rio Grande do Sul se consolidou como o principal centro de produção de couro do Brasil, com destaque para produtos de maior valor agregado, atendendo a demanda interna e conquistando espaços relevantes em todos os continentes.

Este produto, no qual o Rio Grande do Sul, tanto se destaca, é um excelente exemplo de sustentabilidade. O couro é provavelmente o produto sustentável mais antigo do mundo. Trata-se de um subproduto da indústria da carne, ou seja, aproveita peles que, de outra forma, seriam descartadas como resíduo. Quando produzido de forma responsável, como fazemos no Rio Grande do Sul, o couro é uma escolha sustentável, pois evita o desperdício e tem alta durabilidade em seu uso. A durabilidade do couro é uma das principais razões para sua valorização. Um produto de couro pode durar décadas, desde que seja bem cuidado. O couro é um material forte e flexível, resistindo ao desgaste do tempo e ao uso contínuo. Tem alta resistência à tração, ou seja, não rasga facilmente. Além disso, sua biodegradabilidade e os avanços na produção ecológica tornam o couro uma opção muito amigável ao meio ambiente. Então, é importante que os consumidores saibam exatamente o que estão comprando e entendam o quanto o couro é sustentável e amigo do meio ambiente. Lamentavelmente, muitas vezes, a desinformação leva a escolhas que parecem sustentáveis, mas não são. Mas vemos que pouco a pouco os consumidores tomam consciência disto, o que nos traz um potencial imenso de crescimento para a utilização do couro.

A indústria coureira gaúcha se destaca pelo avanço tecnológico, atualização em design, agregação de valor aos seus produtos, o que a faz com que seja competitiva no mercado automobilístico, moveleiro, artefatos e calçados de alta moda. Resultado disto, os gaúchos têm liderado as exportações brasileiras de couro. Segundo dados divulgados pela Secex, analisados pelo CICB, em janeiro, o Rio Grande do Sul se mostra em primeiro lugar nas exportações de couro, com 26,2% de participação em valor e 23,0% em área.

E isto nos traz muito orgulho, porque, além de atender a estes mercados exigentes, o setor está evoluindo cada vez mais na redução de resíduos, aproveitando melhor a matéria-prima e diminuindo os custos financeiros e ambientais com o que era descartado e agora se transforma em produtos muito úteis.

* Texto: Sérgio Bolzan Panerai, presidente do Conselho Diretor da AICSul. Contato: Rua Lucas de Oliveira, 49, Sala 801, 8º andar. Novo Hamburgo/RS. WhatsApp: 51 99999-8837.

INDÚSTRIA DO COURO

Por Associação das Indústrias de Curtumes do Rio Grande do Sul (AICSul)

